
RELATO DE EXPERIÊNCIA

GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL: UM ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE FATOS, VIVÊNCIAS E HISTÓRIA*

VANA BOCK**, CILENE H. GAETA**, ADRIANA M. PACHIONI**
CECÍLIA VILLARES***

BOCK, V., GAETA, C.H., PACHIONI, A.M., VILLARES, C. Grupo de terapia ocupacional: um espaço de construção de fatos, vivências e história. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 9, n. 1, p. 32-36, jan. / abr., 1998.

RESUMO: Este trabalho descreve o processo de constituição de um grupo de terapia ocupacional, destinado a pacientes psicóticos do Programa de Esquizofrenia (PROESQ) do Ambulatório de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo EPM/UNIFESP. O grupo foi criado em abril de 1994, atendendo à demanda de pacientes mais jovens, com menor tempo de doença e internações, e é coordenado por terapeutas ocupacionais, alunas do Curso de Especialização em Terapia Ocupacional em Saúde Mental, do Departamento de Psiquiatria da EPM/UNIFESP. O artigo aborda a composição da história do grupo, evidenciando os principais aspectos da experiência do processo terapêutico: 1) A promoção, a integração e a troca de experiências e vivências entre os integrantes do grupo; 2) A possibilidade de experimentação com diversos materiais e atividades, promovendo a ampliação do repertório sociocultural de cada integrante; 3) O trabalho a partir das questões referentes às necessidades e dificuldades de cada um, e a tentativa de elaboração grupal; 4) A criação de novos espaços de intervenção em decorrência das demandas que surgiram ao longo do processo do grupo, ampliando os recursos do PROESQ.

DESCRITORES: Terapia ocupacional, métodos. Saúde mental. Esquizofrenia e transtornos com características psicóticas, terapia. Psicoterapia de grupo, métodos.

Este trabalho descreve um processo de atendimento grupal de dois anos e oito meses, realizado no Programa de Esquizofrenia (PROESQ), do ambulatório de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, EPM/UNIFESP. Para iniciar é necessário apresentar, de maneira sucinta, como as terapeutas ocupa-

cionais, especializadas em saúde mental, estão inseridas no Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo da Escola Paulista de Medicina.

O curso de especialização na UNIFESP tem duração de dois anos e compreende estágios em diversos Programas e Setores: Ambulatório de Crise, Programa de Orientação e Assistência à Dependência

* Trabalho apresentado na mesa redonda: Grupo e Psicóticos, em V Congresso Brasileiro e IV Simpósio Latino Americano de Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, MG, 1997.

** Terapeuta Ocupacional. Especializanda do Curso de Terapia Ocupacional em Saúde Mental da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, EPM/UNIFESP.

*** Terapeuta Ocupacional. Coordenadora do Curso de Especialização em Terapia Ocupacional em Saúde Mental da EPM – UNIFESP.

Endereço para correspondência: Vana Bock. Rua Arataca, 165. Chácara Monte Alegre. 04645-070 São Paulo – SP.

(PROAD), Enfermaria Psiquiátrica de curta permanência, Ambulatório de Psiquiatria Social e Programa de Esquizofrenia (PROESQ). A atuação da terapia ocupacional estrutura-se, fundamentalmente, a partir do referencial psicodinâmico que tem sido estudado, ampliado e aprofundado por Jô Benetton.

O PROESQ é um programa multidisciplinar que integra assistência, ensino e pesquisa no campo do tratamento ambulatorial de pacientes adultos com o diagnóstico de esquizofrenia. O programa, criado em 1989 no ambulatório do departamento de Psiquiatria da EPM/UNIFESP, ocupa desde 1997, uma casa nas proximidades do Hospital São Paulo. Sua equipe vem trabalhando continuamente na formulação de um modelo assistencial consistente e culturalmente apropriado para a esquizofrenia.

O PROESQ atende a cerca de 100 pacientes que, além do acompanhamento clínico, podem ser encaminhados à psicoterapia, grupos operativos e terapia ocupacional. Todos os usuários podem também participar do grupo de convivência, um espaço semanal de atividades culturais, artísticas e sociais. Os familiares recebem orientação e assistência através de atendimentos breves e em um grupo semanal de familiares. O programa está vinculado às atividades de extensão e ensino, a residentes de psiquiatria e especializando em terapia ocupacional e serviço social. A equipe desenvolve também diversos projetos de pesquisa em psiquiatria e saúde mental.

As especializadas de terapia ocupacional atuam no PROESQ em atendimentos individuais, familiares e grupais – um grupo com pacientes mais crônicos, um grupo de pacientes novos no programa, grupo de convivência e o grupo de pacientes jovens, que é o foco deste relato.

O grupo de jovens é atendido em sistema de co-terapia e conta com uma terapeuta de primeiro ano e uma de segundo ano, que tem a função de coordenadora. A cada final de ano, uma terapeuta deixa o grupo, passa a coordenação para a colega, e outra nova ingressa. É uma vivência comum a todas, a sensação, a curiosidade e a ansiedade de, recém formadas, iniciarem um processo terapêutico junto com pacientes psicóticos. Para essa experiência cabe a seguinte metáfora usada por Sônia Ferrari:

Tratar psicóticos é aceitar o convite para uma viagem onde não há como ter roteiro preestabelecido; onde ser estrangeiro é a marca dos dois viajantes (um em relação ao mundo do outro); onde o terapeuta (aquele que se oferece a acompanhar o paciente nessa viagem) tem que ter um gosto inusitado, uma certa paixão pela aventura. Nessa incursão ao desconhecido, o terapeuta ocupacional leva em sua bagagem de viagem, além de sua história e suas marcas, uma ferramenta a mais, que marca um diferencial em sua prática. Esta ferramenta é a atividade, da mais simples à mais complexa....
(FERRARI, 1997, p. 11)²

O grupo de terapia ocupacional dos jovens foi criado em abril de 1994, respondendo ao aumento do número de especializadas de terapia ocupacional no PROESQ, e à percepção de que alguns pacientes do programa tinham uma demanda específica, não atendida nos espaços terapêuticos então existentes. Assim, foi pensada a possibilidade de se criar um grupo para pacientes mais jovens, com uma história mais recente de doença, que tivessem tido poucos surtos psicóticos e fossem, portanto, menos crônicos. Tais critérios, portanto, caracterizam este grupo, principalmente quanto as questões de inserção social de seus componentes.

Desde a criação do grupo passaram por este 16 pacientes. Existiram dois abandonos, dois encaminhamentos e duas altas. Atualmente o grupo é composto por 10 integrantes com duas coordenadoras e uma estagiária da graduação da USP.

Inicialmente, o processo de constituição do grupo parecia praticamente impossível diante das dificuldades dos pacientes. Hoje percebe-se o quanto tal processo foi contínuo, embora não linear. A constância do ambiente terapêutico e, principalmente, desejo das terapeutas de dar instrumentos de transformação para aquele sofrimento psíquico tão intenso, foram propiciando um espaço confiável e fértil para criação de diversos vínculos afetivos reparadores.

Nos primeiros meses de sua constituição, o grupo desenvolvia com mais frequência a dinâmica de *grupo de atividade*, em que cada paciente realizava sua atividade e mantinha uma relação estreita com esta, com a terapeuta ou com outro membro do grupo. No decorrer do processo foi surgindo a dinâmica de *atividades grupais*:

BOCK, V., GAETA, C.H., PACHIONI, A.M., VILLARES, C. Grupo de terapia ocupacional: um espaço de construção de fatos, vivências e história. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 9, n. 1, p. 32-36, jan. / abr., 1998.

... quando os pacientes resolviam fazer uma única atividade e o terapeuta poderia manter o grupo nesta relação de trabalho conjunto. (BENETTON, 1991, p. 29)¹

A atividade foi sendo utilizada regularmente como instrumento terapêutico, tendo as funções de comunicação, expressão, ampliação e trocas do repertório

sociocultural de cada integrante, o aprendizado de técnicas e o contato com diferentes materiais.

A tela escolhida para ilustrar esse processo é uma imagem do processo de construção da dinâmica grupal. Esta pintura estava sendo feita por um paciente num momento de crise, e o desenho estava intimamente ligado ao conteúdo de seus delírios.



FIGURA 1 - CRÂNIOS ABERTOS (julho, 1995)

Após alguns atendimentos no qual o grupo foi extremamente acolhedor, e a melhora de sua crise, esse projeto não lhe parecia fazer mais sentido. O paciente sugeriu então que a tela fosse transformada e pintada pelo grupo. Esta tela ficou por muito tempo pendurada na parede da sala e muitas vezes fez parte da fala e da

expressão dos participantes, onde retomar o processo de realização desta atividade permitiu falar de crises, de transformações e de possibilidades de estar em grupo. São esses e outros “fazer atividades” que vêm construindo a história desse grupo.

Duas referências teóricas fundamentais nortearam

a constituição deste processo grupal. O conceito e técnica de Trilhas Associativas, de BENETTON¹, e a composição de eixos, descrita por MAXIMINO³. Segundo esta autora:

...as atividades produzidas nos grupos podem ser encadeadas em três eixos :

- a) *vertical: associações entre as diversas atividades individuais;*
- b) *horizontal: associações entre as diversas atividades em uma determinada sessão;*
- c) *histórico, que permite a ligação entre diversas sessões de um mesmo grupo, compondo uma história.* (MAXIMINO, 1995, p. 31)³

Em determinado momento, no processo desse grupo, emergiu como tema a questão da experiência de ser doente, psicótico, esquizofrênico. Ao longo de vários atendimentos os pacientes discutiram suas noções sobre doença, patologia e sobre os temores de serem reduzidos à doença com tudo o que ela acarretou e poderia representar (perdas de escola, trabalho, colegas, etc.). Um dos participantes propôs a leitura de textos (distribuídos por representantes de laboratórios, artigos de jornais da comunidade que alguns freqüentavam e outros que foram propostos pelas terapeutas). Este processo resultou na produção grupal de um resumo e outras atividades tais como painel, vídeo e escultura em barro. Dentro desse processo, de uma forma não linear, cada participante com sua singularidade parecia se perceber com potencialidades e limites, podendo ter também uma percepção do outro.

Neste caminhar grupal, foram se constituindo normas, crenças, sinais e ritos próprios - uma linguagem toda particular, um código secreto, segundo BENETTON¹. Hoje, num chegar afetuoso e numa despedida toda própria o grupo se encontra e se reproduz, em gestos, atitudes e construção de atividades. A cada problema levantado, ou a cada crise passada, existe um sentimento de solidariedade.

De acordo com ZIMERMAN e OSÓRIO⁴:

Um grupo coeso e bem constituído, por si só, tomado no sentido de uma abstração, exerce uma importantíssima função, qual seja, a de ser um continente de angústia e necessidades de cada um e de todos. Isso adquire uma importância especial

quando se trata de um grupo composto por pessoas bastante regressivas. (ZIMERMAN e OSÓRIO, 1997, p. 30)⁴

As dificuldades e crises são faladas e expressas pela atividade e encontram ressonância no grupo. As pessoas sentem-se acolhidas ao expor suas dificuldades e seus problemas, e o grupo se mostra continente para os momentos de crise. Além disso, a fala e o fazer de determinado participante ou da terapeuta repercutem como eco, dando novos sentidos para o grupo como um todo.

O processo deste grupo gerou também novas demandas para a equipe do PROESQ. Apontou-se a necessidade da criação de novos espaços de intervenção, que foram concretizados com o Grupo de Convivência, atendimentos individuais de terapia ocupacional e de familiares. Um outro dado concreto das modificações do grupo é a assiduidade dos participantes: houve um aumento significativo, de 60% no início de sua formação para 80% nos dias de hoje.

Atualmente, o grupo vivencia uma experiência muito rica no que se refere à dinâmica grupal, pois as trocas entre os participantes ultrapassam o *setting* terapêutico e alcançam a vida cotidiana. Pode-se pensar que há uma representação interna deste grupo que permite que os pacientes se percebam como integrantes deste, dentro ou fora de seu *setting*. Isso se observa, por exemplo, no encontro antes do grupo, quando um paciente vai almoçar na casa do outro, na preocupação com aquele que faltou, nos telefonemas no meio da semana, entre outras ações e expressões que transcendem o espaço grupal da instituição.

Tratar esse grupo de psicóticos foi, no início, como “folhear” um livro inusitado, com imagens, palavras, capítulos e histórias ainda desconhecidas. Hoje, essa história pode ser contada, porém na forma de um livro extremamente singular, pois:

- mais do que nas linhas, a história está nas entrelinhas;
- mais do que palavras, existem ilustrações;
- os capítulos podem ser lidos de forma não linear, e ainda assim, encontram-se diversos sentidos;
- Mas, o mais interessante seria que esse livro pudesse transportar o leitor à vivência da construção da história desse grupo. O ato de escrever certamente seria mais significativo que a própria leitura do livro.

BOCK, V., GAETA, C.H., PACHIONI, A.M., VILLARES, C. Grupo de terapia ocupacional: um espaço de construção de fatos, vivências e história. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 9, n. 1, p. 32-36, jan. / abr., 1998.

BOCK, V., GAETA, C.H., PACHIONI, A.M., VILLARES, C. Groupwork in occupational therapy: constructing facts, experiences and history. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 9, n. 1, p. 32-36, jan. / abr., 1998.

ABSTRACT: This paper presents the process of development of a therapeutic group for psychotic outpatients. The work has taken place at the Schizophrenia Group (PROESQ), one of the services at the psychiatric outpatient clinic of Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo EPM/UNIFESP. The group, created in April, 1994, was planned to meet the needs of young patients with short illness story, few hospitalization experiences, if so. It has been coordinated by Occupational Therapists, trainees at the Curso de Especialização em Terapia Ocupacional em Saúde Mental, do Departamento de Psiquiatria da EPM/UNIFESP. The article approaches the history of the group, focusing at the main aspects of the therapeutic process: 1) promotion, integration and sharing of personal experiences among the members of the group; 2) experimentation with diverse media and activities, bringing learning opportunities and enlargement of cultural repertoires; 3) an intervention based on the individual needs and difficulties, leading to group processes of problem solving and insight; 4) development of other therapeutic groups and interventions as a consequence of this group experience, resulting in enlargement of therapeutic resources of PROESQ.

KEYWORDS: Occupational therapy, methods. Mental health. Schizophrenia and disorders with psychotic features, therapy. Psychotherapy group, methods.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENETTON, M.J. *Trilhas associativas: ampliando recursos na terapia da psicose*. São Paulo: Lemos Ed., 1991. 113p.
2. FERRARI, S. M. L. A ancoragem no caminho da psicose: um estudo clínico do uso de atividades e sua compreensão no tratamento de psicóticos. *Rev. Centro Estudos Ter. Ocup.*, v. 2, p. 9-15, 1997.
3. MAXIMINO, V.S. A constituição de grupos de atividades com pacientes graves. *Rev. Centro Ter. Ocup.*, v. 1. p. 27-31, 1995.
4. ZIMERMAN, D. E., OSÓRIO, L. C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 424p.

Recebido para publicação: 17 de abril de 1998

Aceito para publicação: 22 de abril de 1998